

Simpatia pelo demônio

*Bataille e a insubordinação da literatura*¹



Eduardo Pellejero²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: Situando-a na linha que vai do rapto místico ao êxtase erótico, George Bataille postula a literatura como movimento irreduzível aos fins da sociedade utilitária. Essa caracterização implica uma distância imediata em relação às poéticas coevas que afirmavam o engajamento literário. Procurando esclarecer essa incompatibilidade entre o mundo da ação eficaz e da escrita, tentaremos reconstruir criticamente os princípios da insubordinação leviana que – segundo Bataille – caracteriza a experiência literária.

Palavras-chave: Bataille; Literatura; Insubordinação Transgressão Mal

Abstract: Placing literature in the line that goes from the mystic rapture to the erotic ecstasy, George Bataille defines literature as an singular movement in relation to the ends of utilitarian society. This characterization implies a distance in relation to the coeval poetics that affirmed literary commitment. We aim to analyze this incompatibility between the world of effective action and writing, and to critically reconstruct the principles of frivolous insubordination that – according to Bataille – characterizes literary experience.

Keywords: Bataille; Literature; Insubordination; Transgression; Evil

Resumen: Situándola en la línea que va del rapto místico al éxtasis erótico, George Bataille postula la literatura como movimiento irreductible a los fines de la sociedad utilitaria. Esa caracterización implica una distancia inmediata en relación a

1. Recebido em 17 de abril de 2011. Aprovado em 18 de julho de 2011.

2. Pós-Doutorado (2008) pelo Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (Portugal), é professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

las poéticas coevas que afirmaban el compromiso literario. Buscando esclarecer esa incompatibilidad entre el mundo de la acción eficaz y el de la escritura, buscamos reconstruir críticamente los principios de la liviana insubordinación que – según Bataille – caracteriza la experiencia literaria.

Palabras clave: Bataille; Literatura; Insubordinación; Transgresión; Mal

A literatura... parece o elemento vazio... ao qual a reflexão, com a sua própria gravidade, não pode abocar-se sem perder a sua seriedade.

Maurice Blanchot.

A literatura e o direito à morte (1949).

Mas o sem-sentido da literatura moderna é mais profundo que o das pedras.

George Bataille.

Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor
(1950)

Bataille estava louco. Acaso não o esteja hoje para nós, mas esse é apenas um dos raros efeitos da sua loucura militante, consciente, paradoxalmente lúcida. Fiel ao provérbio de Blake segundo o qual “se outros não tivessem sido loucos, nós deveríamos sê-lo”, Bataille preferiu a loucura de Nietzsche à impostura de Heidegger, procurando atingir através desse gesto “a integralidade humana” e assim “levar o homem a termo” (Bataille 2005a:158-159). São seguramente as palavras de um místico (segundo o mal-intencionado mas certo anátema de Sartre),³ que voluntariamente se colocou à margem

3. Sartre emparenta a Bataille com “uma família de espíritos que, místicos ou sensualistas, racionalistas ou não, consideraram o tempo como poder de separação, de negação, e pensaram que o homem venceria o tempo aderindo a si mesmo no instantâneo. [...] É também a ambição do nosso autor: também ele quer “existir sem demora”. Tem o projeto de sair do mundo dos projetos” (Sartre 1968:167); o texto continua: “O misticismo cristão

do diálogo racional, intimidando a crítica durante anos, presa à ilusão de que chegaria um dia em que falar de Bataille seria possível, como escrevera Marguerite Duras (quem também acreditava que Bataille estava louco) (Duras 2010:48) – lembrem, *in extremis*, a sincera reticência de Blanchot: “Como aceitar falar deste amigo?” (Blanchot 2007:326). Fá-lo-ei eu?

Numa época em que o homem se descobria *no-mundo*, como parte de uma estrutura intersubjetiva complexa, que exigia a sua solidariedade para a realização da humanidade na história, Bataille postulava a soberania de um desejo sem compromissos, totalmente autônomo na sua consumação sem objetivos. O próprio Bataille sabia que, num mundo no qual ninguém duvida do valor da ação, só alguém que perdeu a cabeça pode recusar um objectivo sem propor outra mais válido (Bataille 1989:131). Mas esse era o princípio da sua obsessão e – fiel a esse imperativo de soberania, que quiçá possa ler-se como exacerbação da herança da *Aufklärung* – levou-o até as suas últimas consequências, lançando uma maldição sobre si próprio. Gritando o seu ódio “a um mundo que impunha, até sobre a morte, a sua pata de empregado”, segundo um diagnóstico da vida moderna que reconhecia nos seus contemporâneos “os mais degradantes seres que existiram” (Bataille 2005b:23-25),⁴ Bataille perfilava-se como epítome da extemporaneidade.

Assim, para além da procura do bem comum e da atividade política, Bataille foi o explorador de um universo que desconhecia a necessidade, acessível ao homem através do desencadeamento das paixões⁵ próprio da

é projeto: é a vida eterna que está em causa. Mas as alegrias a que nos convida Bataille, se não nos enviam senão para elas próprias, se não podem inserir-se na trama de novos empreendimentos, se não contribuem para a formação duma humanidade nova que se ultrapassará para novos fins, não valem mais do que o prazer de beber um copo de vinho ou de aquecer ao sol duma praia”. Por tudo isso, Sartre diz que o misticismo de Bataille devia ser simbolizado pelo mito de Sísifo (Sartre 1968:166) Para além da intenção polémica de Sarte, digamos que o próprio Bataille estaria quiçá disposto a ligar a sua reflexão com a mística (mesmo se se trata de uma mística sem deus, sem transcendência), na medida em que para Bataille “a experiência mística constitui o modo de ser do homem” (Bataille 2008:66).

4. “Cada día percibo un poco mejor que este mundo en el que estamos limita sus deseos a dormir” (Bataille 2001:135).

5. “O desencadeamento das paixões é o único bem. Já não há nada em nós que mereça ser chamado de sagrado nem de bem, fora do desencadeamento das paixões.” (Bataille 2008:29)

mística, do erotismo e da literatura, práticas sem as quais a humanidade “deparar-se-ia com o vazio”, condenada a “uma vida sem atrativos” (Bataille 2005b:22).

A mística e o erotismo, em princípio, são os cimentos de uma Igreja que Bataille pretende fundar em ruptura com todos os valores éticos, econômicos e políticos que definem a lógica do mundo moderno (Igreja que, como sabemos, funcionou de forma secreta durante alguns anos, sem deixar maiores testemunhos que o livro de Waldberg, *Acéphalogramme*). Contudo, mesmo quando a sua mera existência é suficiente para colocar em causa o sistema fechado do servilismo, a mística e o erotismo são experiência mudas, que só encontram um correlato expressivo na literatura (e, pelo mesmo, a Igreja que funda Bataille justifica a sua instituição visível e exotérica pela linguagem, dando lugar à revista *Acéphale*, que apareceu intermitentemente entre 1936 e 1939).

Assim, situando-a na rara linha que vai do rapto místico ao êxtase erótico,⁶ Bataille postula a literatura como movimento irreduzível aos fins da sociedade utilitária:

o espírito da literatura, queira-o ou não o escritor, está sempre do lado do esbanjamento, da ausência de meta definida, da paixão que corrói sem outro fim que si própria, sem outro fim que corroer. E como qualquer sociedade deve estar dirigida no sentido da utilidade, a literatura, quando não é considerada indulgentemente como uma distração menor, sempre é oposta a essa direção (Bataille 1950:148).⁷

6. A literatura nasce para Bataille da decadência do mundo sagrado, herdando os prestígios divinos dos seus sacerdotes. Por outro lado, e ao contrário dos sacerdotes, o escritor tem clara consciência da sua impotência, do fato de que não é autenticamente soberano e divino: “aquilo que o príncipe aceitava como o mais legítimo e o mais invejável dos benefícios é recebido pelo escritor como um dom de triste advento. A sua parte é em primeiro lugar a má consciência, o sentimento de impotência das palavras e... a esperança de ser ignorado! A sua santidade e a sua realza, acaso a sua divindade, aparecem para humilhá-lo ainda mais: longe de ser autenticamente soberano e divino, é maldito pela desesperação ou, mais profundamente, o remorso de não ser Deus... Porque não possui autenticamente natureza divina e, contudo, não tem oportunidade de não ser Deus” (Bataille 2001:150)

7. Até o final da guerra, o inimigo direto de Bataille é o fascismo e a tentativa de submeter a literatura à lógica

De fato, essa antinomia responde a outra antinomia mais profunda em Bataille, segundo a qual “é necessário escolher entre a recuperação da intimidade e a ação no mundo real” (Bataille 2008:116).⁸

Enquanto a literatura está do lado do esbanjamento (de sentido), da ausência (de fins definidos), da paixão (inútil), posiciona-se nos antípodas de toda a atividade eficaz e do seu credo filosófico: o progresso na história. Desconhecendo qualquer compromisso com o mundo da *praxis*, por outro lado, a literatura coloca em risco o primeiro dos fins da sociedade: a conservação da vida (e nesse sentido a literatura é um crime).

Selvagem, inorgânica, escandalosa, a literatura opõe-se à razão fundada no cálculo do interesse, próprio da vida gregária: a soberania dos movimentos impulsivos do desejo aos quais se encontra associada coloca em causa a ordem racional da sociedade adulta (desconhece qualquer limite, pode dizer tudo, nada – portanto – apoia-se nela). Bataille escreve:

Se damos primazia à literatura, devemos confessar ao mesmo tempo que nos desentendemos do incremento dos recursos da sociedade. Quem quer que dirija a atividade útil – no sentido de um incremento geral das forças – assume interesses opostos aos da literatura. Numa família tradicional, um poeta dilapida o patrimônio e é maldito por isso” (Bataille 2001:147).

da utilidade, enquanto forma de propaganda (Bataille, 2001:17). É interessante notar, contudo, que perante a estetização da política própria do fascismo, Bataille não acredita que possa existir uma alternativa na politização da arte (Benjamin), mas entende, pelo contrário, que a literatura deve escapar do mundo, resignar a sua inscrição no mundo social e político, refugiar-se na solidão radical que emparenta com a morte: “Aquilo que ensina o escritor autêntico – pela autenticidade dos seus escritos – é a recusa do servilismo (e, em primeiro lugar, o ódio à propaganda). Por isso não se aproxima da multidão e sabe morrer em solidão” (Bataille 2001:19). Evidentemente, a perspectiva de Bataille não se esgota nessa disputa específica com a literatura de propaganda; depois do final da guerra, com efeito, seu novo inimigo serão as poéticas do engajamento que, forjadas na luta contra o fascismo (partilhando uma frente comum com o próprio Bataille), se propõem agora trabalhar pela revolução (tornando a literatura útil). Bataille afirmar essa incompatibilidade da literatura com o mundo da ação, a sua irredutibilidade aos fins da sociedade utilitária, nomeadamente na carta que dirige a René Char em 1950.

8. “Acho que nunca assinalaremos suficientemente uma primeira incompatibilidade dessa vida sem medida (falo do que é, em conjunto, para além da atividade produtiva, na desordem, análogo à santidade), que é o único que conta e é o único sentido de toda a humanidade – logo, da mesma ação sem medida. [...] Essa incompatibilidade entre a vida sem medida e a ação desmesurada é decisiva para mim.” (Bataille 2001:139)

Essa caracterização da literatura como movimento contrário à lógica da medida e do cálculo que assegura o bem comum tem implicações pesadas (se consideradas a partir das formas coevas da crítica, que afirmavam o compromisso). Para começar, na medida em que a sociedade se funda sobre a consideração do futuro, a atitude literária, que consiste em esgotar-se completamente no gozo presente, é inaceitável, absurda, infantil num mundo de meios para fins. A literatura é assimilada à obstinação da criança (Kafka) que, na noite, no meio de uma história cativante, não quer compreender que deve interromper a sua leitura para dormir (em proveito de uma atividade a realizar no dia seguinte). Isso quer dizer que a literatura aparece aos olhos da sociedade adulta como uma coisa pueril, pouco séria.

Ao mesmo tempo, enquanto desafia a lógica que organiza o bem comum, a literatura representa – como a transgressão da lei moral – um perigo. Tal é o sentido da relação da literatura e do mal que atravessa os ensaios que Bataille publica em 1957. Bataille é um leitor de Nietzsche; sabe que a valoração moral responde na modernidade à lógica da ação eficaz, da subordinação do presente ao futuro e do desejo à medida; sabe também que tudo aquilo que não se adéqua a um mundo assim ordenado (tudo aquilo que transgride a sua lei) fica irremediavelmente do lado do Mal (Bataille 1989:14-22).

Evidentemente, a literatura não se acomoda simplesmente aos conceitos do bem e do mal tal como estes se encontram determinados numa sociedade dada (existe uma incompatibilidade entre a literatura e a moral). A literatura caracteriza-se pelo que Bataille denomina “hiper-moral” (no sentido nietzschiano de para além do bem e do mal). Mas, por outro lado, o certo é que em muitos dos casos analisados por Bataille o Mal aparece como *o meio mais forte de expor a paixão*, como se o Mal tivesse uma certa positividade: a transgressão – “a associação ao princípio do Bem mede ‘o mais longe’ do corpo social (o ponto extremo, para além do qual a sociedade constituída não pode ir); a associação ao princípio do Mal mede ‘o mais longe’ que temporalmente atingem os indivíduos – ou as minorias; ‘mais longe não pode ir ninguém” (Bataille 1989:113).

A positividade do mal (transgressão) e a obsessão pelo gozo atual (puerilidade) coincidem na caracterização da total autonomia da literatura tal como esta é entendida por Bataille. Ora pela incompreensão da lei (desejo infantil), ora pela negação da medida (devoção pelo mal), a literatura define-se pela insubordinação, pela sua negação a acatar a ordem, a postergar ou medir os seus impulsos em virtude de um objectivo a atingir (inclusive quando de esse objectivo possa depender a conservação da vida e o seu desconhecimento possa conduzir à morte). Nesse sentido, dirá Bataille, a literatura é diabólica e subscreve a divisa do demônio (assim como Deus não é senão a hipóstase do trabalho e representa a unidade de todas as funções servis). NON SERVIAM. Tal é o lema do demônio. A literatura não serve: não serve para nada, nem serve ninguém. A literatura não presta.

Ser livre significa para a literatura não ter função (Bataille 2005c:67). Contudo, paradoxalmente, abraçando o mal, a literatura ganha uma função singular no mundo do bem. Na sua ineficácia, na sua insignificância, na sua menoridade, a literatura oferece testemunho duma parte maldita, irredutível à lógica da ação; revela “os encantos da vida não-servil e, ao mesmo tempo, da sua violência” (Bataille 2008:113); porque se é certo que o ser não está abocado ao Mal, também é verdade que não pode deixar-se fechar nos estreitos limites do bem comum. Testemunho de Sade: “Tu queres – dizia ele em 1782, em carta de 29 de Janeiro – que o universo inteiro seja virtuoso e não presentes que tudo pereceria imediatamente se houvesse apenas virtudes na terra... não queres entender que, já que é preciso que haja vícios, é também injusto que os punas” (Bataille 1989:99).

A literatura reconhece a necessidade do cálculo do interesse para a conservação da vida (e nessa medida ocupa o seu lugar, isto é, resigna-se a habitar as margens da sociedade), mas ao mesmo tempo é expressão de um suplemento, de uma parte soberana, que escapa à necessidade (tal foi – de acordo com Bataille – a preocupação do surrealismo: encontrar, para além da atividade técnica que aliena a humanidade atual, “esse elemento irredutível pelo qual o homem só pode assemelhar-se perfeitamente a uma estrela” (Bataille 2008:47).

Esse suplemento pode ser o mal, como já dissemos, mas também a infância, a paixão desbocada, o êxtase místico. Agora, Bataille duvida que a literatura possa também ser uma dessas formas ímpares nas quais a existência ultrapassa o vazio de uma vida regida pela necessidade e converte-se “numa dança que obriga a bailar com fanatismo” (coisa que se manifesta não só nas suas afirmações explícitas,⁹ mas também na atitude ambivalente de Bataille em relação à linguagem¹⁰ e no carácter muitas vezes instrumental das suas apuradas interpretações de obras literárias).

Nesse sentido, “a miséria da literatura é grande”, e a relação da escrita com o Mal apresenta-se sob a forma de uma maldição. Porque se a literatura é a única capaz de dar testemunho desse elemento no homem que desborda todos os projetos nos quais se encontra comprometido, só o pode fazer através da linguagem, “que constitui um momento da ação e não se compreende fora dela”.¹¹ O preço a pagar pela soberania é alto. A literatura obriga o escritor

9. “Não há dúvidas de que a arte não tem essencialmente o sentido da festa.” (Bataille 2001:118). “A voluptuosidade não é a poesia. A poesia só tem a capacidade que me falta, faz que não me demore mais em expressar a felicidade. A literatura é habitualmente tão desafortunada, se esconde da simplicidade da alegria através de tantos desvios.” (Bataille 2001:91). “A poesia está sujeita a todo o tipo de regras, e penso que as exigências que se se lhe atribuem tendem a mostrar o peso do qual falo. Todo o esforço realizado para dar à poesia uma liberdade que perde a cada instante marca essa distância que disse era necessário franquear por meio de um salto. Esse salto pode ser a poesia, mas a poesia que pretende fazê-lo, a partir do momento em que se julga a si própria, a partir do momento em que toma consciência de que tem que fazer-se e ainda não destruiu tudo, a poesia é também a impotência da poesia” (Bataille 2008:30).

10. Sartre assinala que Bataille serve-se do discurso contrariamente, na medida em que odeia toda a linguagem: “Bataille põe a si próprio o problema seguinte: como exprimir o silêncio com palavras?” (Sartre 1968:131). Bataille, pela sua parte, multiplica os seus reparos em relação à linguagem: “Falo ao meu semelhante: um mal-estar invade a habitação e sei que nunca me ouvirá. A minha linguagem anuncia pobremente a melancolia de não ser nem Deus nem um idiota” (Bataille 2001:69); “É possível que tomemos consciência da fraqueza desse argumento [sobre a paixão desencadeada], dado que neste mesmo momento estou falando de ele. E, a partir do momento em que falei, subordinei a minha vida a algo que não era o instante presente. Não posso pretender, no momento em que levanto um pouco a voz, desencadear aqui a minha paixão. Ante vocês não estou em absoluto desencadeado. Estou, inclusive, exatamente encadeado” (Bataille 2008:29-30)

11. A definição é de Sartre, e Bataille a retoma sem modificar. Bataille continua: “Nessas condições, a miséria da literatura é grande: é uma desordem que resulta da impotência da linguagem para designar o inútil, o supérfluo, isto é, a atitude humana que sobrepassa a atividade útil (ou a atividade considerada no plano do útil). Mesmo quando para nós, que fazemos da literatura a nossa preocupação principal, nada importa mais do que os livros – os que lemos ou escrevemos –, fora do que colocam em jogo: e assumimos essa inevitável miséria.” (Bataille 2001:143).

a renunciar ao mundo, mas não lhe proporciona em troca os tormentos e as delícias próprios da experiência erótica. Os pactos com o diabo, já se sabe, são traiçoeiros, e pagam-se com a alma.

E, contudo, apesar da sua natureza ambivalente, da sua irresolução trágica, da sua fragilidade, o escritor é o único guardião dessa parte maldita:

Escrever não deixa de ser em nós a capacidade de agregar um rasgo à visão desconcertante, assombrosa, espantosa – que é o homem para si mesmo, incessantemente. Sabemos bem que a humanidade prescinde facilmente das figuras que compomos: mas supor que o jogo literário se reduza, se submeta à ação, não deixa de ser algo pasmoso. A impotência imediata da opressão e da mentira é inclusive maior que a da literatura autêntica: simplesmente, o silêncio e as trevas estendem-se. [...] O escritor não modifica a necessidade de assegurar os meios de subsistência – e a sua partilha entre os homens –, também não pode negar a subordinação a esses fins de uma fracção do tempo disponível, mas ele mesmo fixa os limites da submissão, que não por inelutável deixa de ser necessariamente limitada. Nele e através dele, o homem aprende que é refractário a todo cálculo, essencialmente imprevisível” (Bataille 2001:144).

Essa é a única forma do compromisso que deve assumir a literatura, segundo Bataille: extraviada no mundo da atividade, penetrada irremediavelmente pela sua lógica através da linguagem, a literatura torna visível, apesar de tudo, um movimento irreduzível aos fins da sociedade utilitária (movimento que encontra as suas formas soberanas no êxtase erótico e no rapto místico). Para além disso, a literatura é incompatível com qualquer outra forma do compromisso.

Para Bataille, o compromisso, tal como era entendido na época por escritores como Sartre, isto é, constituído pela pena dos homens (a fome, a submissão ou a morte), afasta o escritor da literatura (que tem por domínio exclusivo as pulsões mais intensas da experiência interior), ou condena-o a uma obra banal na sua tentativa de resultar útil à sociedade. Por outro lado,

essa subordinação às urgências da organização do social, essa redução da literatura a meio para um fim superior, não afeta simplesmente a vida do homem que a escreve ou a vida dos homens que a leem; afeta aquilo que é soberanamente humano.

Em 1950, na carta que dirige a René Char, e que constitui o seu principal manifesto literário, Bataille escrevia:

Por vezes um escritor rebaixa-se, farto de solidão, deixando que a sua voz se misture com a multidão. Que grite com os seus se quiser – enquanto possa –; se o faz por cansaço, por asco de si mesmo, só há veneno nele, mas comunica-lhes esse veneno aos outros: medo à liberdade, necessidade de servidão! A sua verdadeira tarefa é a oposta: quando revela à solidão de todos uma parte intangível que ninguém submeterá nunca. (Bataille 2001: 18).¹²

Bataille não pretende que renunciemos a toda a forma da ação. Casos como o de Richard Wright – exemplo por excelência do engajamento sartriano – não deixam eleição e obrigam o escritor – de fora (*du dehors*) –, a realizar uma obra comprometida. O problema não se coloca nesses casos. Bataille diz, simplesmente, que a necessidade da ação (para a preservação da vida social) não pode ser o único critério da nossa conduta (e muito menos da literatura). E àqueles que desejam limitar-se a ver o que vêm os olhos dos deserdados (Sartre), Bataille prefere não responder. Pelo contrário, assumindo programaticamente a antítese das hipóteses sartrianas, escreve:

12. O texto continua: “À sua essência corresponde só um fim político: o escritor não pode senão comprometer-se na luta pela liberdade anunciando essa parte livre de nós próprios que não podem definir fórmulas, mas apenas a emoção e a poesia de obras lancinantes. Ainda, mais que lutar por ela, deve exercer a liberdade, encarnar pelo menos a liberdade naquilo que diz”. Noutras palavras, a mera escolha de escrever, se é livre, não pode abdicar da sua soberania sem comprometer a soberania do homem enquanto paixão inútil. E, se por alguma razão, a literatura produz algum efeito sobre o social, não pode ser senão de modo acessório e, em todos os casos, o literário deve prevalecer sobre a manifestação desse efeito. Evidentemente, enquanto não assuma que o seu lugar não é o mundo da ação, o escritor se sentirá irremediavelmente culpado, infeliz, com vergonha de si próprio. E essa má consciência pode levar à deserção da literatura (no sentido do compromisso, do engajamento, da ação eficaz). Bataille condena esse movimento de forma palmatória (Bataille 1989:144-145).

A vida, por um lado, recebe-se com uma atitude submissa, como uma carga e uma fonte de obrigações: uma moral negativa então responde à necessidade servil da coação que ninguém poderá impugnar sem cometer um crime. Por outro lado, a vida é desejo do que pode ser amado sem medida, e a moral é positiva: valora exclusivamente o desejo e o seu objeto. É habitual constatar uma incompatibilidade entre a literatura e a moral (não se faz boa literatura, dizem, com bons sentimentos). Não devemos quiçá, para ser claros, assinalar que a literatura, pelo contrário, tal como o sonho, é a expressão do desejo – do objeto do desejo – e pelo mesmo da ausência de coação, da leviana insubordinação? (Bataille 2001:143).

Bataille dizia que a literatura não pode assumir a organização do social (e nisso, acredito, estaremos todos de acordo). Falando de Kafka, assinalava que os problemas que coloca a literatura são de outra ordem, que não são problemas políticos, mas problemas humanos e eternamente pós-revolucionários, isto é, antropológicos, metafísicos, trágicos, a começar pela questão do retorno à intimidade (e nisso também, acho, podemos chegar a encontrar-nos).

Mas Bataille não só depreciava as possibilidades de intervenção da literatura, depreciava também a sua potência crítica.¹³ Demorando-se numa irritação que de boa vontade qualificava de pueril, limitava-se a perguntar-

13. “A literatura, que excede o dado no mundo da ação, não pode mudá-lo; substitui a servidão dos laços naturais pela liberdade da associação verbal, mas só verbalmente.” (Bataille 2001:23) Bataille é especialmente cético em relação às possibilidades críticas da poesia. “A poesia produz penumbras, introduz o equívoco, afasta ao mesmo tempo da noite e do dia – tanto do questionamento como do agir no mundo. [...] A poesia não é senão um desvio: com ela escapo do mundo do discurso, isto é, do mundo natural (dos objetos); com ela entro numa espécie de túmulo onde a infinidade dos possíveis nasce da morte do mundo lógico. O mundo lógico morre dando a luz as riquezas da poesia, mas os possíveis evocados são irreais, a morte do mundo real é irreal; todo é turbo e fugaz nessa obscuridade relativa: aí posso me burlar de mim e dos outros. Todo o real não tem valor e todo valor é irreal”; “a crítica do mundo real a partir da poesia é uma acumulação de mentiras”; “a liberdade fictícia, longe de deitar por terra a coação do dado natural, o afirma. Quem se contenta com isso está de acordo com o dado”; “denunciar, protestar, continua sendo uma forma de agir, e é ao mesmo tempo ocultar-se perante as exigências da ação” (Bataille 2001:24); “acho que a poesia é menos eficaz do que aparenta, pode ser eficaz mas numa medida que considero muito limitada.” (Bataille 2008:58).

se o que fazemos neste mundo e que farsa é esta que o mundo representa para nós. E, em última instância, chamava-nos à resignação, ao silêncio.¹⁴ Então Bataille estava louco, e confundia a impugnação da ordem na qual nos afogamos (cujo fim esperamos desde a infância) com a aniquilação das nossas necessidades na consumação do desejo:

o sentido da arte coloca-nos na via de uma desapareição completa [...]. À margem disso, entramos na morte ou reingressamos no mundo minúsculo. Mas a festa infinita das obras de arte existe para nos dizer, apesar de uma vontade decidida a não dar valor senão ao que perdura, que se promete um triunfo a quem salte na irresolução do instante. [...] Se não nos convida, cruelmente, a morrer no raptó, pelo menos terá a virtude de consagrar um momento da nossa felicidade à igualdade com a morte” (Bataille 2001:125).

Bataille já não está louco para nós, que acaso lhe devemos parte da nossa cordura, da nossa lucidez, mas certamente continua a ser um objeto de ansiedade para a crítica. Perante os seus textos ainda sofremos uma espécie de impasse: as nossas categorias filosóficas não se adequam ao que ele tem para dizer-nos e não sabemos o que pensar.

Por outro lado, a mim, e a todos os que procuramos pensar de algum modo as formas de intervenção do poético (mesmo aquém de todo o espaço de direito), a imolação da arte proposta por Bataille contraria-nos profundamente. Ainda que seja possível alegar casos importantes (a começar pelo surrealismo), sempre foram raros os artistas que trabalharam para desaparecer, e a verdade é que ninguém escreve para o fogo (em algum lugar do mundo se escrevem livros,

14. “Não há salvação para a linguagem, o silêncio.” (Bataille 2008:116) “A comunicação poética é possível na medida em que a poesia é levada até a ausência de poesia. Isso quer dizer que o estado do homem consciente que encontrou a simplicidade da paixão, que encontrou a soberania desse elemento irreduzível que se encontra no homem [...] e cujo termo necessário é o silêncio.” (Bataille 2008:56) “Ninguém poderia condenar a ação senão através do silêncio [...] Uma abnegação tão perfeita requer a indiferença ou a madurez de um morto. (...) o escritor moderno [...] obtém um privilegio maior que o dos reis que sucede [...] o privilegio de não poder nada de ser reduzido, na sociedade ativa, à paralisia da morte.” (Bataille 2001:138;151)

como dizia Marguerite Duras).¹⁵ Em todo o caso, não é isso o que procuramos na literatura; procuramos, simplesmente, *voltar diferentes* das viagens que nos propõe (*voltar outros*), mas *voltar para este mundo* que – minúsculo ou não – é o nosso mundo. (Roberto Bolaño dizia que escrever é saber meter a cabeça no obscuro, saber saltar no vazio – e nisso coincidia com Bataille –, mas também dizia – como já advertiram Blanchot e Deleuze – que para isso é necessário saber manter-se na borda do precipício: “de um lado o abismo sem fundo e do outro os rostos que amamos, os sorridentes rostos que amamos, e os livros, e os amigos, e a comida” (Bolaño 2005: 36-37).¹⁶

Digamos, em todo o caso, que se não podemos deixar de sentir que na obra de Bataille se articula uma verdade profunda – algo que nos impede, com toda a sua carga de loucura, de enlouquecermos nós próprios –, é porque nos lembra, para além da má consciência que provoca em nós a lógica hegemônica da ação histórica (e as ruínas que deixa ao seu passo), as limitações intrínsecas de todo o projeto político para colmar as aspirações humanas, e, com isso, o carácter necessariamente aberto do nosso destino, das vidas que vivemos, das histórias que contamos.

Não devemos, não podemos compreender isto no sentido de ignorar as contradições nas quais nos compromete a história, nem no sentido da impugnação de todos os projetos colectivos que aspiram a resolvê-las (pelo menos sem enlouquecer). Só nos resta compreendê-lo no sentido de que a arte não pertence à urgência do presente nem à projeção do futuro (da mesma forma em que não é coisa do passado, como pretendia Hegel), porque implica um tempo soberano, pleno, insuperável, que é capaz em determinados momentos

15. “Mas, apesar de tudo, em algum lugar do mundo se escrevem livros. Todo o mundo os escreve. Acredito nisso. Estou segura de que é assim. Que para Blanchot, por exemplo, é assim. A loucura da voltas em torno dele. A loucura também é a morte. Para Bataille, não. Porque estava Bataille fora do alcance do pensamento livre, louco? Não poderia dizê-lo.” (Duras 2010:47-48). Sartre também achava que Bataille estava louco, por razões similares às razões aludidas por Duras (abandono do diálogo racional, negação de qualquer valor aos projetos humanos): “Agora sei que não posso fazer nada por ele e que ele não poderá fazer nada por mim: é para mim como um louco, e sei também que ele me considera um louco.” (Sartre 1968:162).

16. Devo esta referência ao trabalho de Nadier Pereira e ao seu trabalho sobre a poética de Roberto Bolaño (ainda sem publicar).

de colocar em causa o tempo histórico, de arrancá-lo dos seus gonzo e abri-lo a essa pluralidade insuspeitada que é própria do devir da consciência.

Tentando mediar na polêmica entre os partidários da ação eficaz e os da experiência interior, que quiçá ilustra melhor que nada o ruidoso debate travado entre Bataille e Sartre, Julio Cortázar escrevia em 1947: “Mas surrealistas e existencialistas – poetas [todos] – reafirmam com amargo orgulho que o paraíso está aqui em baixo, mesmo que não coincidam no onde e no como, e recusam a promessa transcendente, como recusa o herói o corcel para a fuga” (Cortazar 194:137).

É nesse princípio de acordo, acredito, que tornou a imanência um imperativo categórico para o nosso pensamento, onde quiçá radique o melhor da obra crítica de Bataille. Não na obstinada recusa de um mundo que se negava compreender, nem na desesperada e incompreensível invocação do sacrifício (da morte), mas na exploração alegre do fundo trágico da existência.

Como dizia numa das conferências que ofereceu em Paris em 1947:

Não se trata de encontrar detrás do mundo algo que o domine, não há nada detrás do mundo que domine o homem, não há nada detrás do mundo que possa humilhá-lo; detrás do mundo, detrás da pobreza na qual vivemos, detrás dos limites precisos nos quais vivemos só há um universo cujo brilho é incomparável, e detrás do universo não há nada (Bataille 2008:57).

Referência bibliográfica

BATAILLE, George. 1950. Lettre à René Char sur les incompatibilités de l'écrivain. In: *Botteghe Oscure*, nº VI (Outono). Paris.

_____. 1989. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. São Paulo: L & PM.

_____. 2001. *La felicidad, el erotismo y la literatura: Ensayos 1944-1961*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.

_____. 2005a. La locura de Nietzsche. In: —. (e outros), *Acéphale*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra.

_____. 2005b. La conjuración sagrada. In: —. (e outros), *Acéphale*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra.

_____. George. 2005c. Propositiones. In: —. (e outros), *Acéphale*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra.

_____. 2008. *La religión surrealista. Conferencias 1947-1948*. Trad. Lucía Ana Belloro e Julián Fava. Buenos Aires: Las Cuarenta.

BLANCHOT, Maurice. 2007. *La amistad*. Tradução espanhola de J. A. Doval Liz. Madrid: Trotta.

BOLAÑO, Roberto. 2005. *Entre paréntesis. Ensayos, artículos y discursos (1998-2003)*. Barcelona: Anagrama.

CORTAZAR, Julio. 1994. *Obra crítica*. Madrid: Alfaguara.

DURAS, Marguerite. 2010. *Escribir*. Trad. Ana María Moix. Buenos Aires: Tusquets.

SARTRE, Jean-Paul. 1968. Um novo místico. In: —. *Situações I*. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América.